

Maria Adélia Aparecida de Souza

Professora Titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo.
instituto@territorial.org.br

A geografia da solidariedade

Tenho clareza de que me propus a um difícil exercício, aquele de dar uma pequena contribuição para pensar o mundo e o lugar, no âmbito da Geografia.

Difícil ir muito além de *el mundo soy yo, mi vida y mis circunstancias!* Ou então o que dizer após *o lugar é o espaço do acontecer solidário!*

A dificuldade aumenta ainda mais, a partir das importantes contribuições que a geografia brasileira já tem dado sobre o estudo dos lugares, independentemente das suas múltiplas abordagens, metodologias, escalas, por velhos e jovens geógrafos. Estudos de excelente qualidade e que tem revelado uma face dos lugares do Brasil.

Mas, como aprofundar essa proposição, quando a maioria das reflexões sobre o mundo e a dura manifestação da realidade parecem destruir ou escamotear a noção de lugar.

Lugar como presença, lugar como coexistência.

Parece que o mundo se ampliou, na sua noção banal, equivocada, repleta de exterioridades e de metáforas: dizem muitos que O MUNDO SE GLOBALIZOU.

E, este mundo globalizado parece ter escapado das nossas mãos, apesar de estar em toda parte, em todos os lugares. Entramos na *era das incertezas, do fim da história*. Viveremos os tempos das *paixões tristes*, em uma época triste, tempo da nostalgia do *futuro brilhante?*

Até bem pouco tempo, o sentido da vida de cada um se confundia com o sentido da história, com esse *futuro brilhante*. Um futuro repleto de promessas no início deste século. Mas, estreitamente ligado ao trabalho, à produção, à produtividade.

No entanto, esse futuro parece ter se tornado hoje, pela sua simples evocação, sinônimo de inquietude, de temor, de angústia e de impotência.

E, os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo: nos lugares esse mundo se revela cruel, perverso, tornando o cotidiano de cada um quase uma fatalidade.

Nesta perspectiva, lugar e mundo convergem e se explicam **racionalmente (e eu grifo essa palavra)**, pela noção de totalidade. É bom lembrar que o século XIX, hegeliano e marxista, fez da totalidade a categoria racionalizadora por excelência. A totalidade é uma totalidade orgânica. Donde, explicar um fenômeno é integrá-lo na totalidade das suas determinações, às quais ele se refere, situá-lo no seio da ligação global constituinte de sua realidade e de seu sentido, o todo de que se trata sendo um todo orgânico, a ligação uma ligação orgânica¹.

Nesta perspectiva, mundo e lugar contemporâneos apresentam uma mesma identificação em suas características. Daí poder se afirmar que *cada lugar é à sua maneira o mundo*².

Então, como refletir sobre a geografia da solidariedade? É possível dissociar mundo e lugar?

A Geografia, ao trabalhar os lugares, os tem descrito e interpretado, dando-lhes múltiplas colorações: da descrição preciosa, rigorosa, à identificação das contradições as mais aberrantes dos *sem tudo*: sem transporte, sem casa, sem comida, sem emprego, sem água, sem ar.

O lugar no mundo de hoje parece ser revelador de uma brutalidade, para todos, sendo uns mais expostos às perversidades dos lugares do que os outros.

Este é o sintoma das *paixões tristes* de que nos falava Spinoza.

Mas será esta a relação orgânica entre o mundo e o lugar?

É preciso recuperar que esta relação é mediatizada pelo trabalho, pela divisão do trabalho e, conseqüentemente, pela técnica. Na questão do trabalho e seu significado nesta contemporaneidade, reside o eixo essencial da discussão proposta neste texto.

O que está em questão hoje, e que se constitui em um aspecto fundamental desta discussão sobre o mundo e o lugar, é saber o significado da divisão do trabalho e seus efeitos na construção do mundo novo e dos lugares.

Dependendo da maneira através da qual se compreende a especialização, pode-se tanto dizer que a divisão do trabalho destrói a unidade da pessoa ou que ela realiza a sua personalidade; que ela implica em um mundo parcelado, fragmentado, monótono, alienante ou, ao contrário, que a divisão do trabalho cria o mundo da variedade.

Como manifestação da divisão do trabalho, afinal falamos em divisão internacional (logo territorial) do trabalho, qual a inserção do lugar nessa problemática?

Como viver no mundo moderno escapando dos limites e constrangimentos da divisão do trabalho? A resposta a isto vem sendo secularmente construída e se torna evidente nas grandes metrópoles pobres do planeta, onde muitos não são tocados por esse tipo de racionalidade que dirigiu o século XX.

No entanto, nesta atualidade, o sentido do trabalho mudou, com implicações danosas e reveladas escancaradamente nos lugares.

Este é um aspecto essencial para um passo na compreensão dos lugares nesta contemporaneidade. Como atributo essencial do mundo moderno, a modificação do sentido do trabalho irá revolucionar o mundo e os lugares.

A idéia moderna do projeto de vida liga diretamente a ética ao econômico. Ligando a vida bem sucedida e feliz à realização ativa de si mesmo, o projeto de vida liga também a realização de si mesmo à atividade produtiva. Sou feliz porque trabalho e produzo.

Essa perspectiva, até o advento do *período técnico, científico e informacional*, realizava-se na escala real da produção, isto é, nos lugares. A crise do trabalho, a quase hegemonia da técnica e do mundo, revoluciona esta perspectiva, anuncia uma ruptura social e cultural. Chegamos aos confins, aos limites da racionalidade e desconhecemos o mundo novo.

Os lugares parecem desmanchar o mundo. É nesta perspectiva que emerge a importância da filosofia das técnicas - da Geografia. Nela reside

provavelmente uma perspectiva de futuro. Mas é preciso enfrentar o enorme desafio de sua reconstrução, donde este Encontro Internacional de Geografia da Bahia se constitui, também, nesse enfrentamento.

Refletimos então sobre o sentido dos lugares. Saiamos da abstração do mundo para a concretude dos lugares, provavelmente elaborando sobre a ontologia da presença e da existência - fundamentos do acontecer solidário.

Começemos por definir lugar, afim de circunscrevê-lo nas características desta contemporaneidade.

Para alguns, lugar somente se define em termos de presença. Onde não há presença, não há lugar. Daí o equívoco de Aristóteles ao definir: *o lugar é diferente da coisa que ocupa o lugar*.

Mas, para outros, um lugar, aquele lugar entre muitos, *é uma região da arquitetura do mundo* ou, como diz Aristóteles (Física IV), *uma região na arquitetura do mundo*. E isto interessa sobejamente aos geógrafos.

Mas, aqui já aparecem duas concepções ligadas à noção de espaço, que é preciso acompanhar de perto: da arquitetura e da filosofia. A arquitetura precisa (dá precisão) a noção de espaço do ponto de vista sensível. A filosofia o faz através de um ponto de vista que é o seu, ou seja, através dos conceitos. A Geografia precisa o espaço compreendendo o sistema de objetos e ações historicamente realizados nos lugares.

A filosofia não falará de lugares, mas de *topos*, *locus*, de extensão (*extensio*), de um ponto determinado, de posição (*situs*), de distância, do vazio (*caos*, *spatium*). Cada filosofia firma um conceito de espaço.

Ora, de Aristóteles a Heidegger, a filosofia denomina **lugar** (*topos*, *locus*) não como uma fatia, uma porção de um espaço qualquer (um *endroit* como dizem os franceses), mas, ao contrario, uma praça ou um sitio determinados por alguma coisa (um templo, uma paisagem), que precede o espaço e o instaura.

O lugar instaura o espaço antes que ele seja desdobrado ou dividido em lugares.

O lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas também um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder a pergunta: Onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato.

Nesta perspectiva, o lugar seria um espaço poético, no sentido em que *poeticamente o homem habita sobre esta terra*, mas também porque ele foi feito, construído, arquiteturado.

Um lugar é um espaço habitado ou habitável. Nesta perspectiva, é o habitar que define o lugar. Nesta perspectiva, para nós geógrafos, o lugar se confunde com a noção de *habitat*.

É Levinas (1994) quem diz que *o sujeito contemplando um mundo, supõe o surgimento da morada, o recolhimento na intimidade da casa. O nascimento latente do mundo se produz a partir da morada*.

Eis uma importante contribuição para a compreensão dos lugares contemporâneos. É preciso estar atento que, nesta perspectiva, a casa não é um instrumento, mas a condição de vir ao mundo, de estar no mundo, de ter um mundo. Assim, aqueles que não possuem casa, que estão privados da casa, estão também privados do mundo.

Um lugar se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares, o lugar comum, este é o mundo.

É tênue a diferença, portanto, entre lugar e mundo.

Mas esta reflexão nos oferece um manancial para repensar os lugares e, conseqüentemente, transformar o mundo.

Nesta perspectiva a Geografia da Solidariedade assume um papel central.

Como? Retomemos a proposição de que a presença e a coexistência são os fundamentos do acontecer solidário, isto é, dos lugares.

Esta presença, historicamente determinada nos lugares pelo trabalho e sua divisão, se vê, nesta contemporaneidade, limitada. Que dimensões são reveladas no espaço geográfico pela presença historicamente esvaziada em face da mutação do sentido do trabalho, cada vez mais ligado ao saber, ao conhecimento? Presença e conhecimento, elementos de disjunção do trabalho e dos lugares.

Esta dissociação tem uma pista interessante de reflexão para uma perspectiva de elucidação dessa questão no mundo contemporâneo, na dissociação que se deveria estabelecer entre trabalho e atividade (e para tanto é preciso compreender o mundo novo e tornar, nele, todos presentes). E, essa reflexão é mediatizada por uma outra, central, aquela da vocação. *As sociedades ocidentais se encantam diante dos privilegiados que amam o que fazem e para quem não há diferença entre o trabalho e o prazer, entre a obri-*

gação e o apetite, entre a ocupação e a vocação... Elas sabem também que, para um número cada vez maior, a idéia de realização de si mesmo não pode mais se investir no trabalho, nem como ocupação, nem como ganha-pão (chega-se ao seu limite com o desaparecimento do emprego e quando a renda passa a ser o salário desemprego).

A vocação moderna poderia se renovar e viver diferentemente? Poderia ela deixar a idéia que se expressa na sua atividade e que a atividade é antes de tudo o trabalho? A vocação nasce no horizonte econômico da divisão do trabalho³.

Presença, trabalho, vocação são elementos para a construção de uma Geografia da Solidariedade e para a compreensão do mundo nos lugares.

Esta trilogia está intimamente ligada ao fundamento da coexistência.

É indiscutível que a existência dos lugares fundamenta-se na coexistência. Esta coexistência vê-se fragmentada pelo câmbio do fundamento essencial dos lugares, especialmente nestes dois últimos séculos - a coexistência pelo trabalho. Este sentido mudando, a coexistência e suas possibilidades também mudam, transformam-se. Hoje, a violência é uma das manifestações da ruptura nessa coexistência.

Presença e coexistência nesta contemporaneidade implicam, na perspectiva de abordagem dos lugares deste texto, em uma refuncionalização desses lugares. Refuncionalização ditada pela ruptura do processo que neste século caracteriza o mundo e define os lugares - o mundo do trabalho.

Malgrado as transformações violentas destes tempos e reveladas pelos lugares, as rupturas que se operam são vistas como violentas, pois desconhecidas: um novo processo, uma nova ordem, uma nova lógica determinados por relações humanas e sociais inusitadas e inatingíveis pelo exclusivo critério do mundo do trabalho e da produtividade.

Neste período da história, a complexidade é também uma característica dos lugares. Complexidade intimamente relacionada com uma nova percepção do tempo, onde a presença e a coexistência se adaptam às novas, sucessivas e aceleradas ordens do mundo.

Nossa inquietação é revelada pelas dificuldades para compreender esse mundo novo, de uma aparente dessacralização, pois de uma incompreensível refuncionalização. Uma nova racionalidade dirige os lugares. Para compreendê-la é preciso ajustar-se à realidade da presença e da coexistência, de todos.

Redundância necessária para permitir a apreensão da solidariedade, sem a qual, sem dúvida, mundo e lugar se desmanchariam no ar.

A possibilidade da coexistência realmente verificável a partir dos lugares, cujo conhecimento por vezes brutal é quem nos permitirá a sedimentação de uma Geografia da Solidariedade, já vivenciada por muitos e inatingível pelas ciências sociais, ainda reticentes, em face da necessidade de produzir alternativas para a construção de um mundo novo, onde o parâmetro ético não seja mais o trabalho, nos moldes do último século.

Os lugares são reveladores, basta atingi-los. Essa ruptura manifesta nos lugares, pela alegria que, apesar de tudo, eles irradiam, deve ser também compreendida não como a visão forjada pelo mundo (o da globalização), de incerteza e de caos: nos lugares busca-se furiosamente a liberdade.

Trata-se, portanto, de compartilhar uma nova coerência baseada numa nova possibilidade de presença e de coexistência não mais presidida pela ética do trabalho. Este mudou de estatuto e de natureza diante dos homens. Nos lugares essa mutação é plenamente revelada. É preciso, no entanto, reconhecê-la.

Observá-los, conhecê-los, estar presente, coexistir, é construir o mundo novo, a partir dos lugares do mundo.

Coexistir é assumir o lugar de todo mundo. E isto, independentemente de todos, é a máxima dos lugares.

Qualificar os lugares, a partir de suas novas e múltiplas refuncionalizações, ajustadas às características do mundo novo, eis uma bela tarefa para uma geografia que se renova.

Notas

¹ Cf. Schlanger, 1997.

² Cf. Santos, 1996.

³ Cf. Schlanger, 1997.

Referências Bibliográficas

LEVINAS, E. Langage et Proximité. In: **En Découvrant l'Existence avec Husserl et Heidegger**. Paris: J.Vrin, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

SCHLANGER, J. **Les Metaphores de l'Organisme**. Paris: J.Vrin, 1997.